

A construção biográfica de Luiz Gama por Sud Mennucci: figura, justiça e memória

FABIANO ROMANHA NEVES*

Resumo: Este artigo analisa o livro escrito por Sud Mennucci em 1938: *O precursor do abolicionismo no Brasil: Luiz Gama*. Por meio da análise dessa obra biográfica, buscamos compreender os sentidos construídos na representação do abolicionista e como eles se relacionam com o contexto histórico e as motivações pessoais e políticas do autor. O estudo examina como Mennucci articulou a trajetória de Gama aos ideais de civilização e liderança nacional, promovendo-o como um símbolo de justiça e progresso no cenário educacional e político paulista. Para aprofundar a análise, dialogamos com o conceito de "figura" de Erich Auerbach, que contribui para refletir sobre as relações entre passado e futuro na construção biográfica. Assim, o artigo investiga as estratégias empregadas por Mennucci e suas implicações para a memória histórica brasileira.

Palavras-chave: Construção biográfica; bandeirante da civilização; prefiguração; memória histórica.

The biographical construction of Luiz Gama by Sud Mennucci: figure, justice and memory

Abstract: This article analyzes the book *O precursor do abolicionismo no Brasil: Luiz Gama*, written by Sud Mennucci in 1938. Through the examination of this biographical work, we aim to understand the meanings constructed in the representation of the abolitionist and how they relate to the historical context and the author's personal and political motivations. The study investigates how Mennucci linked Gama's trajectory to ideals of civilization and national leadership, portraying him as a symbol of justice and progress in São Paulo's educational and political arenas. To deepen the analysis, we engage with Erich Auerbach's concept of "figure," which offers insights into the relationship between past and future in biographical construction. Thus, the article examines Mennucci's strategies and their implications for Brazilian historical memory.

Key words: Biographical construction; pioneer of civilization; prefiguration; historical memory.



* FABIANO ROMANHA NEVES é mestrando no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); graduado em Direito pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Introdução

A memória histórica de Luiz Gama (1830-1882), advogado, jornalista e abolicionista, é marcada por um resgate gradual que ganhou força a partir do século XXI. Recentemente sua vida foi retratada no cinema pelo filme "Doutor Gama" (2021), dirigido por Jeferson De, e estudiosos de sua biografia e obras são constantemente chamados a participar de programas televisivos de prestígio, como o Canal Livre da Rede Bandeirantes¹. Esse crescente interesse nos revelou o quanto Gama e sua história, preservada na memória social, interagem com as questões sociais e políticas atuais. Contudo, conforme Lígia Fonseca Ferreira (2020, p. 26), a importância de Gama foi pouco lembrada após o 13 de maio de 1888, data da abolição da escravidão no Brasil. A biografia de Sud Mennucci, **O precursor do abolicionismo no Brasil: Luiz Gama** (1938), publicada no cinquentenário da abolição, buscava romper esse esquecimento, resgatando fragmentos dispersos sobre o abolicionista e inserindo-o em um contexto que exaltava ideais de justiça e progresso. Mennucci, como ele mesmo afirma, procurou reunir fragmentos dispersos de textos publicados em jornais e periódicos da época (MENNУCCI, 1938, p. 14), com o intuito de resgatar a memória desse personagem histórico.

Sud Mennucci: contexto histórico e possíveis motivações na construção da biografia de Luiz Gama

A construção da biografia de Luiz Gama por Sud Mennucci, publicada em 1938, suscita reflexões sobre os objetivos do autor com o texto. A criação de uma biografia visa apresentar um personagem que, aos olhos do autor, merece ser

lembrado por seus feitos. O biógrafo, portanto, não apenas reproduz eventos passados, mas também seleciona fatos com a intenção de provocar repercussões sociais ou políticas em seu presente. Nesse sentido, a obra de um biógrafo aproxima-se da escrita de um texto político, caracterizado por Renato Janine Ribeiro como um trabalho que possui uma "tenção de intervenção" (RIBEIRO, 1999, p. 341). Para investigar essa intenção de produzir efeitos por meio do texto, é essencial ampliar a análise crítica para incluir aspectos relacionados ao contexto social e às motivações pessoais e políticas de Mennucci. Assim, para compreender plenamente o alcance dessa obra, investigaremos a origem do biógrafo e os fatores que podem ter influenciado seu interesse por Luiz Gama.

Sud Mennucci nasceu em Piracicaba, São Paulo, em 1892, em uma família de imigrantes italianos que se estabeleceu na cidade após uma breve estadia na Hospedaria dos Imigrantes na capital paulista (GIESBRECHT, s/d apud SANTOS, 2015, p. 121). Sua infância e adolescência foram marcadas pela convivência em um ambiente que, embora simples, estava inserido em um contexto cultural relevante. O quintal de sua casa fazia fundos com a residência de Prudente de Moraes, ex-presidente do Brasil, sugerindo um possível contato com círculos socialmente privilegiados (SANTOS, 2015, p. 122).

Na dissertação **Em defesa da ruralização do ensino: Sud Mennucci e o debate político e educacional entre 1920 e 1930**, Henrique de Oliveira Fonseca explora a iniciativa de ruralização do ensino promovida por Sud Mennucci. Fonseca sugere que, embora Mennucci enfatizasse frequentemente

¹ Confirmando o prestígio atual da figura de Gama, mais recentemente, a biografia escrita por

Bruno de Lima, publicada em 2024, recebeu o prêmio Jabuti Acadêmico em sua categoria.

suas origens humildes e sua limitada formação acadêmica, essa construção fazia parte de uma autorrepresentação como um *self-made man* (FONSECA, 2014, pp. 122-123). Em **Testamento de uma geração** (1944), Mennucci reforça essa imagem ao exaltar sua condição de autodidata: "Não tive curso de formação superior. Precisei fazer-me sozinho, sem professor nem guia, tateando à procura das 'verdades' que os outros estudavam e discutiam na escola" (MENNUCCI, 1944, p. 247 apud FONSECA, 2014, p. 33). Essa conexão pessoal, marcada pela valorização da educação e do esforço individual, pode ter influenciado Mennucci a escolher Luiz Gama como objeto de sua biografia, projetando em si o ideal do indivíduo que, por meio do trabalho e do conhecimento, alcança destaque e contribui para a sociedade.

A formação acadêmica de Sud Mennucci teve início na Escola Complementar de Piracicaba, instituição voltada para a formação de professores (MENNUCCI, 1946, p. 3 apud FONSECA, 2014, p. 32). Ao concluir o curso, em 1908, ele iniciou sua carreira docente em escolas do interior paulista. Durante esse período, percebeu as desigualdades enfrentadas por comunidades rurais no acesso à educação, o que influenciou significativamente suas futuras propostas educacionais (SOUZA, 2015, p. 128). Mennucci defendia que o ensino deveria ser adaptado às condições locais, promovendo um pragmatismo educacional que rejeitava modismos pedagógicos urbanos e europeus (FONSECA, 2014, pp. 13-14).

Mennucci também se destacou como articulista e intelectual, publicando textos em jornais sobre os desafios da educação rural, o que aumentou sua reputação como defensor de mudanças estruturais no ensino público. Essa trajetória o levou, na década de 1920, a

assumir cargos de delegado de ensino em Campinas e Piracicaba, onde buscou implementar suas ideias (SANTOS, 2015, p. 104). Foi nesse período que ele começou a associar o educador ao "bandeirante da civilização", conectando o ideal educacional à imagem paulista de liderança e progresso (FONSECA, 2014, p. 119).

Em 1930, Sud Mennucci fundou, ao lado de outros educadores, o Centro do Professorado Paulista (CPP), que promovia debates sobre a educação rural e defendia os direitos dos professores. A entidade foi reconhecida pelo governo provisório de Vargas, em 1934, como de utilidade pública (SANTOS, 2015, p. 109). Seu periódico, **Revista do Professor**, tornou-se uma plataforma para a disseminação de suas ideias, especialmente sobre o ruralismo pedagógico (SANTOS, 2015, pp. 229-230). Em um editorial de 1934, Mennucci associou a formação de professores ao espírito bandeirante, ao afirmar:

[...] A entrega desse diploma que acabais de receber alvoraçados e triunfantes, simboliza a última e mais brilhante etapa do moderno ciclo bandeirante, a missão racial que as gerações sucessivas de São Paulo legam umas às outras, como se carregassem no sangue, parecendo que a bebem no leite com que se amamentam" (REVISTA DO PROFESSOR, mar. 1934a, p. 3 apud FONSECA, 2014, p. 118).

A atuação de Mennucci não se restringiu ao campo da educação. Durante a Era Vargas, ele transitou entre os setores político e educacional, chegando a ocupar cargos como o de Diretor Geral de Instrução Pública do Estado de São Paulo, função equivalente à atual de Secretário de Educação (MENEZES, 2015, p. 18). Essa posição consolidou sua influência nas políticas públicas e

permitiu que expandisse seu ideal de educação rural, alinhando-se às campanhas de integração territorial promovidas pelo governo Vargas, como a Marcha para o Oeste, em 1938 (SANTOS, 2015, pp. 229-230). A representação do professor como "apóstolo" e "bandeirante" não só atendia às intenções políticas do governo de integrar novos territórios, promovendo uma política de diversificação agrícola, mas também ampliava o ideal civilizador e missionário de Mennucci, alinhando seus objetivos aos interesses políticos federais na década de 1940 (SANTOS, 2015, pp. 229-230).

É nesse contexto de articulação entre suas ideias de progresso e liderança paulista que surge a biografia de Luiz Gama. O cinquentenário da abolição representava um momento estratégico para resgatar a memória de personalidades históricas associadas à luta contra a escravidão. Luiz Gama representava, para Mennucci, um exemplo de superação pela educação e pelo trabalho, valores que dialogavam diretamente com a trajetória pessoal que o autor desejava exaltar e com a imagem que buscava construir para São Paulo.

Luiz Gama como ‘bandeirante da civilização’: a construção de um herói paulista

Na biografia de Luiz Gama, Sud Mennucci apresenta uma representação do abolicionista que corresponde à imagem paulista de progresso e civilização. O texto sugere que a trajetória de Gama transcende adversidades individuais, projetando-o como um pioneiro cuja luta pela liberdade se alinha ao ideal de

modernidade fortemente associado a São Paulo.

No capítulo "A influência do novo ambiente", Mennucci critica a escravidão no Brasil, descrevendo-a como um sistema desumanizador que reduzia os negros à condição de propriedade, frequentemente marcado por práticas cruéis, como a marcação a ferro (MENNUCCI, 1938, p. 116). Para o autor, o sistema escravocrata, sustentado por uma aristocracia rural e pela omissão do governo imperial, era mais do que uma prática econômica; representava o atraso e a hipocrisia política. Mesmo após a abolição formal de práticas desumanas como "açoites, a tortura, a marca de ferro quente e todas as mais penas cruéis²", conforme previsto na Constituição do Império de 1824, Mennucci aponta que a burocracia do sistema legal brasileiro criou barreiras que perpetuavam a opressão dos negros (MENNUCCI, 1938, p. 122).

Nessa interpretação, a atuação de Luiz Gama ganha destaque. O autor enfatiza que, mesmo enfrentando adversidades extremas, Gama utilizou as ferramentas disponíveis — o jornalismo, a política e a advocacia — para desafiar a ordem escravocrata (MENNUCCI, 1938, pp. 133-134). Mennucci descreve sua atuação com termos como "lutador destemido" e "pioneiro destemeroso" (MENNUCCI, 1938, p. 191), construindo uma imagem heroica que alinha Gama, de forma sutil, aos feitos atribuídos aos bandeirantes. Essa escolha retórica sugere uma tentativa de associar a luta do abolicionista ao ideal paulista de expansão territorial e progresso civilizatório.

² Art. 179. A inviolabilidade dos Direitos Civis, e Políticos dos Cidadãos Brasileiros, que tem por base a liberdade, a segurança individual, e a propriedade, é garantida pela Constituição do Imperio, pela maneira seguinte. (...) XIX. Desde

já ficam abolidos os açoites, a tortura, a marca de ferro quente, e todas as mais penas cruéis. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 19 jan. 2025.

Mennucci reforça essa construção ao contrastar Luiz Gama com Joaquim Nabuco, abolicionista pernambucano de atuação notável principalmente no Rio de Janeiro, e com o carioca José do Patrocínio. Ao criticar a obra biográfica **A vida de Joaquim Nabuco** (1928) escrita por sua filha, Carolina Nabuco, que minimizaria o papel de abolicionistas de fora do Rio de Janeiro, Mennucci exalta Gama como o verdadeiro precursor da causa abolicionista: "o primeiro e mais corajoso a se destacar pela causa" (MENNUCCI, 1938, p. 191). Nesse contexto, Mennucci também questiona a idealização de personalidades como a Princesa Isabel, argumentando que sua assinatura da Lei Áurea foi motivada pela pressão popular e não por convicções abolicionistas genuínas. Assim, Gama é apresentado como um herói cujas contribuições foram relegadas a um segundo plano por relatos que priorizam outras figuras (MENNUCCI, 1938, p. 190-192). Essa construção, segundo Mennucci, evidencia uma injustiça histórica que ele busca reparar, conferindo a Gama o papel de protagonista em uma luta que transcende o contexto regional e se torna nacional.

Embora a origem baiana de Luiz Gama, mencionada por Mennucci (1938, p. 191), pudesse inicialmente parecer contraditória à ideia de associá-lo ao ideal do bandeirante moderno, ela é incorporada ao texto para reforçar São Paulo como espaço de convergência. Nesse contexto, a cidade é apresentada como ambiente propício ao florescimento de lideranças de diferentes origens. Assim, Mennucci alinha a biografia de Gama a uma visão de São Paulo como centro irradiador de progresso e modernização no Brasil, conectando-a "às pretensões das elites paulistas de liderança política nacional"

(SOUZA, 2011, p. 137 apud FONSECA, 2014, pp. 118-119).

Essa construção interpretativa, contudo, revela contradições. Enquanto a visão de Mennucci associa Gama ao progresso paulista, silencia as desigualdades e exclusões que marcaram o período. Como apontado por Zanirato (1997), a São Paulo da década de 1930, apesar de ser o maior centro econômico e populacional do país (ZANIRATO, 1997, p. 11), também era palco de extrema pobreza e marginalização, com muitos trabalhadores urbanos sobrevivendo em condições precárias (ZANIRATO, 1997, p. 18). Esses elementos contrastam com a grandiosidade do discurso de modernidade associado ao papel histórico de Luiz Gama, apresentado por Mennucci em uma São Paulo idealizada como cenário de progresso.

Assim, ao moldar Gama como símbolo de vanguarda civilizacional, Mennucci não apenas exalta o abolicionista, mas também reforça um projeto político que conecta a luta abolicionista a um futuro liderado por São Paulo. Essa perspectiva pode ser observada também na maneira como a **Revista do Professor** difundia o ideal do bandeirante moderno, mencionando a atuação de Sud Mennucci:

E assim como na Paulicéia partiram, outrora, os destemidos bandeirantes para, em busca de esmeraldas verdes, afastarem os limites de Tordesilhas, foi ainda de São Paulo que ecoou, Brasil afora, o brado de Sud Mennucci, o educador intrépido, que, inspirado nos postulados de Alberto Torres, desfraldou neste gigante da América Latina o pavilhão do ruralismo, buscando imprimir um 'fácies' todo 'species' à educação do sertanejo, o 'brasileiro da gema', que nos campos, nas matas e nas caatingas, sem conforto, sem educação e sem

meios, procura elevar o nome deste colosso que lhe serve de berço. (REVISTA DO PROFESSOR, nov. 1939, p. 19 apud SANTOS, 2015, p. 32)

Desse modo, ao construir a ideia do “bandeirante da civilização”, Sud Mennucci não apenas coloca São Paulo na vanguarda de um projeto político e ideológico, mas também sedimenta uma imagem heroica que se sobrepõe às desigualdades e às contradições existentes no cenário local. Tal construção reforça o protagonismo paulista ao mesmo tempo em que mobiliza símbolos que transcendem os fatos, situando Gama em um patamar de libertador e precursor de valores universais. Essa perspectiva, como veremos a seguir, abre espaço para um exame mais aprofundado da construção mítica em torno de sua figura.

A construção mítica de Luiz Gama e a interpretação figural

A biografia de Luiz Gama, escrita por Sud Mennucci, apresenta uma construção que extrapola a simples reconstituição de eventos históricos. Por meio de metáforas, adjetivações e paralelos com figuras históricas e religiosas, Mennucci configura Gama como um modelo ético e moral que prefigura valores universais de justiça e igualdade. Essa abordagem permite perceber pontos de contato com o conceito de figura discutido por Erich Auerbach em seu ensaio **Figura** (1997), no qual eventos ou personagens históricos não apenas representam sua época, mas apontam para verdades maiores a serem realizadas no futuro.

Ao longo da biografia de Gama, Mennucci constrói um personagem que emerge não apenas por sua trajetória histórica, mas também pela forma como sua vida é narrada, associando-a a valores universais. A abordagem figural de Erich

Auerbach, apresentada em seu ensaio **Figura** (1997), oferece um horizonte interpretativo relevante para compreender a construção de Luiz Gama na biografia de Sud Mennucci. Para Auerbach, figuras estabelecem uma relação histórica e concreta entre dois eventos ou personagens, em que o primeiro prefigura o segundo e encontra nele sua realização plena. Essa perspectiva, que conecta o passado a uma verdade futura, auxilia no entendimento de como Mennucci eleva a trajetória de Gama a uma dimensão que transcende sua época.

Descrito como alguém movido por uma "sede de justiça" (MENNUCCI, 1938, p. 12) e comparado a Cristo ao expulsar os vendilhões do templo (MENNUCCI, 1938, p. 228), Gama é apresentado como um precursor de valores universais, como igualdade e liberdade, que iriam se concretizar plenamente no futuro. Essa representação dialoga com o conceito de figura em Auerbach, que não se limita a uma mera sequência cronológica, mas estabelece uma conexão entre passado e futuro, incorporando uma dimensão espiritual e profética:

(...) Não só as figuras são provisórias, como são também a forma provisória de algo eterno e atemporal; apontam não só para o futuro concreto, mas também para algo que sempre existiu e existirá; apontam para algo que necessita de interpretação, que na verdade será preenchido no futuro concreto, mas que já está presente, preenchido pela providência divina, que não conhece diferenças de tempo. Esta dimensão eterna já está figurada nelas, que, desse modo, são ao mesmo tempo uma realidade fragmentária provisória e uma realidade eterna velada. Esse aspecto transparece inteiramente no sacramento do sacrifício, a Última Ceia, a *pascha*

nostrum, que é *figura Christi* (AUERBACH, 1997, p. 51).

Segundo Modesto Carone, que realizou o prefácio do ensaio **Figura** (1997), a abordagem figural de Auerbach é um recurso interpretativo que vai além da mera alegoria ao ancorar-se em termos históricos concretos. Carone destaca que a figura conecta eventos em que o primeiro ato não apenas antecipa o segundo, mas encontra nele sua realização completa, preservando sua historicidade:

(...) Seja como for, a interpretação figural, que desde o apóstolo Paulo amplia por analogia o âmbito do texto bíblico "até o fim do mundo e a vida eterna", está fundada numa alegoria, mas difere da maioria das formas conhecidas de alegorização em virtude do caráter histórico dos seus termos. Ou seja: na "figura" um acontecimento terreno é elucidado pelo outro; o primeiro significa o segundo, o segundo "realiza" o primeiro. Dessa perspectiva a História, com toda a sua força concreta, como diz Auerbach, continua sendo sempre uma figura que necessita de interpretação. (...) (CITADO EM AUERBACH, 1997, p. 9).

O conceito de figura, desenvolvido por Auerbach, oferece um horizonte interpretativo para compreender a construção de Luiz Gama por Sud Mennucci, já que sua aplicação dialoga com elementos já presentes na biografia. A texto de Mennucci articula, de maneira própria, aspectos históricos e simbólicos que projetam Gama como um precursor de valores éticos e universais, como justiça e igualdade. A palavra figura, por exemplo, aparece poucas vezes na obra, como no último parágrafo da biografia,

em que o autor afirma que Gama foi “o verdadeiro precursor da campanha negra, como figura máxima da abolição no Brasil” (MENNUCCI, 1938, p. 229). Ainda assim, a forma como o autor constrói sua biografia revela afinidades com o conceito de Auerbach, especialmente na maneira como conecta a trajetória de Gama a ideais que transcendem seu tempo.

Mennucci inicia sua biografia com citações de personalidades ilustres, como Rui Barbosa e Sílvio Romero, cujas palavras enaltecem Luiz Gama como um herói singular. Essas passagens, repletas de elogios que transcendem o caráter individual de Gama, destacam-no como uma figura rara, associando sua trajetória a valores universais. Rui Barbosa, por exemplo, sublinha a harmonia entre a sensibilidade e a força moral de Gama, apontando sua capacidade de conectar-se profundamente aos sofrimentos da opressão enquanto mantinha uma firmeza inabalável em seus princípios. Ele o descreve como um espírito extraordinário, cuja eloquência e ética o elevavam acima das limitações de sua época, conferindo-lhe uma dimensão quase mítica:

Um coração de anjo, a harpa eólia de todos os sofrimentos da opressão, um espírito genial; uma torrente de eloquência, de dialética e de graça; um caráter adamantino, cidadão para Roma antiga, inaclimável no Baixo Império; personalidade de granito, aureolado de luz e povoado de abelhas do Himeto. Si eu houvera de escrever-lhe o epitáfio, iria pedir este ao poeta da ‘Legenda dos Séculos’: *De verre pour gémir, d’airain pour résister*³ (MENNUCCI, 1938, p. 9)

³ A citação é extraída da obra "La Légende des Siècles" (1859), de Victor Hugo, e significa "De vidro para gemer, de bronze para resistir",

simbolizando a combinação de sensibilidade e força, características atribuídas por Rui Barbosa a Luiz Gama.

Essa prática de elogiar Luiz Gama utilizando personalidades históricas ou literárias é reiterada pelo biógrafo ao citar Sílvio Romero, que o alinha a Terêncio, Epicteto e Espártaco (MENNUCCI, 1938, p. 9). Cada associação destaca um aspecto da personalidade de Gama - sua eloquência, resiliência e resistência contra a opressão - conectando-o a valores que ultrapassam o contexto brasileiro, posicionando-o no panteão de heróis universais da justiça e liberdade. Essa transposição reforça a ideia de que Gama não apenas pertenceria à história, mas a transcenderia.

Segundo Erich Auerbach, o conceito de figura implica uma relação histórica entre dois eventos ou personagens, em que o primeiro funciona como uma prefiguração parcial e o segundo como sua realização plena. Essa lógica se manifesta na biografia de Sud Mennucci, que apresenta Luiz Gama como um precursor da luta pelos direitos humanos no Brasil. Como o autor ressalta:

Tinha-o elevado a essas alturas a sua insaciável, a sua inextinguível, a sua indalterável sede de justiça. Pôde representar-se a vida inteira de Luiz Gama como duas mãos tendidas para o alto, no clamor incessante do respeito pelos direitos humanos. (MENNUCCI, 1938, p. 12)

Desde sua infância marcada pela rejeição e pobreza até seu funeral apoteótico, Gama é narrado como alguém cujas ações e sacrifícios apontavam para uma verdade maior, que encontraria realização na abolição e no reconhecimento tardio de sua importância.

O funeral de Luiz Gama, descrito por Sud Mennucci como um evento apoteótico, marca a culminação de sua trajetória de vida e consolida sua imagem como herói tanto de seu tempo quanto para gerações

futuras. O autor destaca a presença de autoridades provinciais, intelectuais, representantes religiosos e uma multidão emocionada, que transformaram o cortejo em um marco histórico e simbólico. Como Mennucci descreve:

Nada faltou ao brilho da sagração unânime: nem a multidão que acompanhou o féretro de um homem pobre, como se fosse ao enterro de um dos maiores figurões da época; nem a presença, no séquito, da mais alta autoridade de São Paulo, que era o Conde de Tres Rios, vice-presidente da Província, em exercício; nem o comparecimento do que a cidade possuía de mais intelectual no tempo, nem a adesão dos representantes da religião católica [...] (MENNUCCI, 1938, pp. 11-12).

Esse episódio revela não apenas o impacto individual de Gama, mas também sua transformação em um símbolo coletivo, cujas ações e ideais transcenderam sua existência. Ao retratar a diversidade e a magnitude do cortejo, Mennucci projeta Gama como uma figura de unidade e de mobilização social, destacando seu papel como precursor de causas maiores que ecoariam na memória histórica do Brasil.

O texto de Sud Mennucci sobre a continuidade do legado de Luiz Gama, mesmo após sua morte, sugere a ideia de prefiguração conforme descrita por Erich Auerbach. Mennucci atribui a Antônio Bento, a quem considera um dos principais sucessores dos ideais de Gama, a responsabilidade de liderar uma nova fase da luta abolicionista. Essa liderança, no entanto, não é apresentada como uma ruptura, mas como uma adaptação aos desafios da época. Mennucci destaca que Bento utilizava abordagens distintas para o enfrentamento da escravidão, muitas vezes recorrendo a estratégias práticas,

revelando-se um “ (...) guerreiro perfeito e adestrado na tática da insídia e da emboscada”. (MENNUCCI, 1938, p. 200).

Ainda assim, as ações de Bento, segundo Mennucci, eram fundamentadas nos valores e no plano delineado por Gama. O juramento feito pelos presentes à beira da sepultura de Gama consolidava essa continuidade, transformando-o em uma presença espiritual duradoura. Segundo Mennucci:

Gama haveria, por certo, falhado nessa fase do combate. O seu vício da coragem e do peito descoberto o teriam inabilitado para a luta em que se revelou exímio o chefe dos "caifases". Mas, pelo testemunho do tempo, não resta a menor dúvida de que foi Gama quem traçou o plano dessa nova etapa da campanha. E o juramento feito à beira de sua sepultura, na hora do enterro, mostra bem claro que, mesmo morto, Gama continuava a ser o supremo chefe, transubstanciado, agora, em "antepassado", cujos manes se invocariam como imperecível ensinamento da grei, como apelo decisivo nas horas de dúvida e desconforto. Chefe, portanto, que transcendera à categoria de ídolo. (MENNUCCI, 1938, pp. 200-201).

Nesse contexto, Gama emerge como uma figura histórica que transcende sua existência terrena, sendo invocado como um "antepassado" e referência moral e estratégica para seus sucessores. Sua trajetória e legado, portanto, prefiguram não apenas a abolição, mas a continuidade de uma luta que se perpetua no tempo, configurando-o como um indutor permanente das causas sociais e da Justiça.

O uso de metáforas épicas por Sud Mennucci ao descrever Luiz Gama, como “que tinha mais coragem que multidões inteiras” (MENNUCCI, 1938,

p. 157) e “gigante que empreendera tarefa maior que as do Hércules grego” (MENNUCCI, 1938, p. 201), reforça a representação de Gama como um herói transcendental, cuja atuação no mundo material era guiada por uma “insaciável, inextinguível, indelével sede de justiça” (MENNUCCI, 1938, p. 11). Essa construção enaltece Gama como alguém com uma missão que ultrapassava os limites de sua época, buscando, nas palavras do autor, “reintegrar uma nacionalidade no senso moral hereditário da espécie” (MENNUCCI, 1938, p. 157).

Ao explorar a trajetória de Gama, Mennucci o insere em uma elaboração que combina o compromisso com a justiça e uma dimensão quase profética, apresentando sua vida como uma verdade histórica que aponta para realizações futuras. Essa conexão ganha maior intensidade na comparação de Gama com Cristo, quando o biógrafo descreve sua atuação jurídica como uma busca incessante por justiça, na qual seu conhecimento do Direito servia como instrumento para corrigir as injustiças de seu tempo:

(...) A Justiça, cuja sede avassaladora e absorvente ele sentia no mais profundo de sua alma, fã-lo-ia o herói e o santo que conseguiu ser. Elevava-o a super-homem, permitindo-lhe a possibilidade de imitar Jesus Cristo, postado a entrada do Templo e vergastando, com a violência de um Deus, os vendilhões que o prostituíam. (MENNUCCI, 1938, p. 228)

A relação entre o conceito de figura em Auerbach e a biografia de Luiz Gama escrita por Sud Mennucci pode ser aprofundada a partir do ideal de São Francisco de Assis. Auerbach descreve São Francisco não apenas como um imitador da pobreza e humildade de Cristo, mas como alguém que incorporava esses valores de forma a

torná-los vivos e relevantes para seu próprio tempo (AUERBACH, 1997, pp. 77-78). De maneira semelhante, Mennucci utiliza essa referência ao descrever Gama como “aquela alma de São Francisco a quem os trópicos bronzearam a pele” (MENNUCCI, 1938, p. 224), destacando sua bondade e benevolência. Essa descrição posiciona Gama como alguém que encarna valores éticos e humanitários, projetando-os para além de seu contexto histórico imediato. Sua bondade e compromisso com os oprimidos são apresentados não apenas como traços individuais, mas como expressões de uma verdade maior e ainda em processo de realização na sociedade brasileira: o “respeito pelos direitos humanos” (MENNUCCI, 1938, p. 12).

Assim como São Francisco reafirmava e atualizava a mensagem de Cristo, segundo a interpretação de Auerbach, seu compromisso com a pobreza é descrito como uma renúncia aos valores terrenos, desafiando as normas sociais de sua época. A escolha de Francisco, descrita por Auerbach como um “casamento místico com a pobreza”, vista como “algo que todos rejeitam como se fosse a própria morte” (AUERBACH, 1997, p. 77), pode ser relacionada ao compromisso de Luiz Gama com a justiça. Em uma sociedade marcada pela escravidão, a justiça defendida por Gama aparece como uma entidade marginalizada e muitas vezes indesejada, cuja defesa exigia sacrifício e coragem.

Segundo Sud Mennucci, Luiz Gama fez escolhas que implicavam a renúncia a valores materiais e terrenos, rejeitando oportunidades de enriquecimento para permanecer fiel aos ideais abolicionistas. Conforme destaca o biógrafo, Gama “(...) podendo ter sido tudo o que lhe aprouvesse, bastando-lhe, para tanto, não direi recuar nas ideias, mas transigir apenas, viveu sempre pobre (...)”

(MENNUCCI, 1938, pp. 223-224). Essa postura reflete, segundo o biógrafo, sua dedicação incondicional à liberdade e à igualdade, configurando sua vida como um exemplo ético e social.

A renúncia de Gama, destacada por Mennucci, vai além das questões materiais, posicionando-o como um elo entre o passado e o futuro. Na biografia, ele não é descrito apenas como uma figura central de sua época, mas como um modelo ético cuja influência ultrapassa barreiras temporais. Seu compromisso inabalável com a justiça, representado como uma “insaciável”, “inextinguível”, “indesalterável sede de justiça” (MENNUCCI, 1938, p. 12), revela uma inquietação que transcende os limites de sua existência, projetando-o como um precursor de lutas que continuam a reverberar na história.

A biografia de Luiz Gama elaborada por Sud Mennucci evoca afinidades com o conceito de figura proposto por Erich Auerbach, em que eventos ou personagens históricos apontam para valores e realizações que se completam em processos futuros. Embora a obra de Mennucci não siga intencionalmente a lógica prefiguração, ela apresenta elementos que conectam a trajetória de Gama a uma busca contínua por justiça e direitos humanos. Ao configurá-lo como um representante de lutas sociais e transformações, a biografia amplia o foco para além da dimensão individual, inserindo Gama em um contexto mais amplo de ideais éticos e políticos que permanecem atuais. Nesse sentido, São Paulo, na visão do biógrafo, assume o papel de um centro irradiador desses valores, reforçando o protagonismo da cidade como cenário essencial para a consolidação de princípios que transcendem o tempo histórico de Gama.

Considerações finais

A escolha de Sud Mennucci por biografar Luiz Gama revela uma aproximação pessoal entre o biógrafo e o biografado. Mennucci, que se autodenominava um *self-made man*, via em Gama uma afinidade com seus próprios ideais de superação e compromisso com a educação e a justiça. Essa identificação reforça a intenção de projetar Gama como um modelo ético atemporal, enriquecendo a construção figural e estabelecendo uma relação entre passado e presente.

Essa construção, elaborada por Mennucci, não apenas glorifica Gama como um indivíduo singular, mas também o insere em uma representação que enfatiza São Paulo como um espaço onde sua luta encontrou ressonância e reconhecimento, destacando o ambiente propício à transformação social e aos avanços civilizatórios.

Ao final de sua biografia, Gama é exaltado como um modelo que ecoa os valores de justiça, resiliência e compaixão, representando uma verdade que ainda se encontra em processo de realização. Embora Sud Mennucci não tenha utilizado conscientemente o conceito de interpretação figural, sua abordagem biográfica sugere afinidades com a lógica descrita por Erich Auerbach, em que personagens históricos apontam para valores e realizações futuras. Essa conexão é evidenciada pela forma como Mennucci destaca a dedicação de Gama à justiça e aos direitos humanos, projetando-o como um modelo ético que transcende sua época e permanece inspirador para as gerações seguintes. Por meio dessa construção, denota-se que o biógrafo procurou destacar que a luta de Gama pela dignidade humana não estava confinada ao passado, mas que

encontraria na São Paulo, de Sud Mennucci, a possibilidade de sua realização.

Referências

- AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Editora Ática; 1997.
- BRASIL. **Constituição Imperial de 1824**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 19 jan. 2025.
- FERREIRA, Lígia Fonseca. **Lições de resistência: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Edições Sesc, 2020.
- FONSECA, Henrique de Oliveira. **Em defesa da ruralização do ensino: Sud Mennucci e o debate político e educacional entre 1920 e 1930**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação - Área de Concentração: Educação e Inclusão Social, Linha de Pesquisa: História da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- MENEZES, Lis Angelis Padilha de. **Sud Mennucci – Educador Paulista: Arcaico ou Profeta?** 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2015.
- MENNUCCI, Sud. **O precursor do abolicionismo no Brasil: Luiz Gama**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.
- RIBEIRO, Renato Janine. **Ao leitor sem medo: Hobbes escrevendo contra o seu tempo**. 2ª edição. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- SANTOS, Fernando Henrique Tisque dos. **A vida do pensamento e o pensamento da vida: Sud Mennucci e a formação de professores rurais**. 2015. Tese (Doutorado em Educação - Área de Concentração: História da Educação e Historiografia) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ZANIRATO, Sílvia Helena. **Artífices do ócio: mendigos e vadios em São Paulo (1933-1942)**. Londrina: Editora UEL, 1998.

Recebido em 2025-02-01
Publicado em 2025-09-27